

BARTIMEU: O DISCÍPULO-MODELO
(MC 10:46-52)
Discipulado e Seguimento de Jesus no Evangelho de
Marcos¹

Ozeas Caldas Moura, Th.D.²

Resumo

Entre as muitas narrativas de milagres, no Evangelho de Marcos, está a da cura de Bartimeu - o cego mendigo de Jericó. O reconhecimento e a confissão de que Jesus de Nazaré é o Filho de Davi, a fé em Seu poder para salvar, a prontidão em atender-Lhe o chamado e em segui-Lo, com destemor, no caminho que leva à Paixão e à Cruz, fazem de Bartimeu o Discípulo-modelo. O exemplo deixado por este discípulo, continua servindo de inspiração a todo seguidor de Jesus.

Abstract

Among the several miracles 'narratives, in the Marcos' Gospel, is the healing of Bartimaeus - the blind beggar of Jericho. The acknowledge and the confession that Jesus of Nazareth is the Son of David, the faith in His power to save, the promptness to attend His calling, and to follow Him with fearless along the road that takes to the Passion and the Cross, make of Bartimaeus the Model disciple. The example left by tris disciple, has been serving of inspiration to the all Jesus' follower.

¹ Este artigo está baseado na Dissertação de Mestrado em Teologia do Dr. Ozeas Caldas Moura, defendida em julho de 1997, na Pontifícia Católica do Rio de Janeiro, e ainda não publicada.

² Ozeas Caldas Moura é Doutor em Teologia Bíblica, pela PUC-Rio. Desde janeiro de 2003 é o Diretor do Seminário Adventista Latino-americano de Teologia com sede em Cachoeira, BA.

Introdução

Dentre os relatos de milagres, no Evangelho de Marcos, está o da cura de Bartimeu (10,46-52), cego mendigo de Jericó. Sua fé no poder de Jesus salvou-o de sua cegueira física, bem como o capacitou a ver em Jesus de Nazaré, o Filho de Davi. Este “ver” de Bartimeu não foi passivo: ele segue Jesus “no caminho” que demandava a Jerusalém, onde Jesus seria traído, condenado e morto.³ Segue o Salvador, de maneira resoluta, sem se importar com os riscos desse seguimento.

O exemplo de fé no poder de Cristo, que o leva a ir a Ele “de um salto”, o desvencilhar-se da capa que lhe atrapalhava os passos, sua visão de quem era Jesus: não um simples carpinteiro de Nazaré, mas o Messias enviado por Deus, sua prontidão e destemor em juntar-se a Jesus no caminho que levava à Cruz, fazem de Bartimeu “o discípulo perfeito, no Evangelho de Marcos - o cego que checou a ver e a caminhar.”⁴

O autor procura, através de uma análise exegética, extrair da Perícope elementos que justifiquem a afirmação de que Bartimeu é o discípulo-modelo de Jesus, tornando-se, assim, num exemplo digno de imitação no seguimento de Jesus. São também apontados elementos Cristológicos, Soteriológicos, Eclesiológicos e Antropológicos, presentes na Perícope, e como eles podem contribuir para indicar como deve ser o seguimento de Jesus hoje, orientando a igreja de Cristo e seus membros no trato com os desvalidos e marginalizados da comunidade.

Na atualização da mensagem da Perícope para os cristãos hodiernos, é desejo do autor que todos se sintam inspirados e estimulados como exemplo de fé, testemunho e seguimento de Jesus, demonstrados por Bartimeu, procurando seguir-lhe o exemplo.

³ WHITE, E. G. *Vida de Jesus*, 55. ed. Santo André: Casa Publicadora Brasileira, 1984, p.104.

⁴ DE LA CALLE, F. *A teologia de Marcos*. São Paulo: Paulinas, 1978, p. 109.

1. Situação Geográfica: Jericó.

Jesus e seus discípulos “estavam a caminho, subindo para Jerusalém” (Mc 10,32), subida esta, que O levaria à morte (10,33-34). Nessa caminhada, passam por Jericó, cidade cujo nome significa “lugar de suave odor”.⁵ Conhecida como a “cidade das palmeiras” (Jz 3,13), Jericó estava situada ao norte do Mar Morto, a 272 metros abaixo do nível do Mar Mediterrâneo. Estando habitada desde a Era Neolítica, antes de 4500 a.C.,⁶ pode ser considerada uma das cidades mais antigas da Palestina. Foi tomada e destruída por Josué, quando os Israelitas conquistaram a Palestina (Js 6), sendo, mais tarde, reconstruída por Hiel de Betel, durante o reinado de Acabe (1Rs 16,34).

A região de Jericó era de clima tropical, sendo um lugar de palmeiras e sicômoros (Jz 3,13; Lc 19,4). Herodes, o Grande, fez de Jericó sua capital de inverno, embelezando-a com estruturas de estilo helênico. Este foi, ainda, o local de seu falecimento.⁷ Contava com um palácio de inverno, com uma fortaleza, um teatro e um hipódromo.⁸ Nessa cidade encontrava-se, também, uma guarnição romana.⁹

A estrada de Jerusalém a Jericó foi o teatro da cena descrita por Jesus na Parábola do Bom Samaritano (Lc 10, 30-37). Em Jericó Jesus curou dois cegos, sendo um deles Bartimeu (Mt 20,29-34). Foi ali, também, que Zaqueu encontrou a salvação, recebendo Jesus em sua casa (Lc 19,1-10).

Tanto a versão de Marcos (10,46-52), quanto a de Mateus (20,29-34), e também a de Lucas (18,35-43), apontam Jericó como o lugar dessa

⁵ DAVIS, J. *Dicionário da Bíblia*, 8. ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1982, p. 305.

⁶ UNGER, M. F. *Arqueologia do Velho Testamento*, São Paulo: Imprensa Batista Regular, 1985, p.74.

⁷ *BÍBLIA DE JERUSALÉM*, Nova Edição Revista. São Paulo: Paulus, 1995. p. 2342.

⁸ CHAMPLIN, R. N. *O Novo Testamento interpretado*, Vol. I. São Paulo: Candeia, 1995, p.506.

⁹ TAYLOR, V. *The gospel according to St. Mark*. London: Macmillan Press, 1974, p.447.

cura: os evangelistas querem chamar a atenção do leitor para o fato de que Jesus se aproximava de Jerusalém, a “Cidade de Davi”, (2 Sm 5,7.9), onde Jesus, o “Filho de Davi”, faria sua entrada triunfal (Mc 11,1-9). A cidade de Jericó era o lugar aonde os peregrinos, oriundos da Galiléia, que vinham pelo caminho a Leste do Jordão¹⁰, atravessavam este rio para entrarem na Judéia.¹¹

Além de ser um importante local histórico, Jericó era um local de importância também simbólica: foi a primeira cidade de Canaã a ser capturada por Josué, cujo nome hebraico *Yehoshua*’ corresponde ao grego Ἰησοῦς. No relato da cura de Bartimeu, vê-se outro “Josué”, “a caminho de Jerusalém, a fim de conquistar a redenção para o povo que Deus vai salvar.”¹² Nesta cidade, tem lugar a última cura milagrosa de Jesus narrada pelos evangelhos sinóticos.¹³

Chegando ou saindo de Jericó? A versão de Mateus diz que o encontro de Jesus com o(s) cego(s) deu-se “Enquanto saíam de Jericó” (Καὶ ἐκπρευομένων αὐτῶν ἀπὸ Ἱεριχώ - Mt 20,29). A narrativa de Lucas situa o episódio “quando ele se aproximava de Jericó” – ἐν τῷ ἐγγίξειν αὐτὸν εἰς Ἱεριχώ -18,35). Já a versão de Marcos concorda com a de Mateus: o encontro deu-se “ao sair de Jericó” – καὶ ἐκπορευομένου αὐτοῦ ἀπὸ Ἱεριχώ (Mc 10,46).

Uma possível explicação para esta aparente discrepância, é que Mateus e Marcos se referem à cidade antiga, conquistada por Josué, pela qual Jesus acabava de passar, ao passo que Lucas fala da nova Jericó,

¹⁰ DAVIS, falando da Palestina dos dias de Cristo, diz que havia dois caminhos acompanhando o Jordão, da Galiléia para a Judéia - um a Leste e outro a Oeste. Ambos se encontravam em Jericó (DAVIS, J., *op. cit.*, p. 655).

¹¹ HURTADO, L. W. *Marcos*. Florida: Editora Vida, 1995, p. 186.

¹² *Ibid*, p. 186.

¹³ SCHIMID. J. *El Evangelio Segun San Marcos*. Barcelona: Herder, 1967, p. 293.

edificada por Herodes, o Grande, na qual Cristo seria recebido por Zaqueu (Lc 19,1-10). Assim, o milagre teria ocorrido no caminho entre estas duas localidades.¹⁴

Segundo Gundry,¹⁵ a sugestão de que a cura de Bartimeu ocorreu no caminho que saía da velha Jericó e entrava na nova, soluciona a aparente discrepância entre Marcos e Mateus (“Saíndo de Jericó”) e Lucas (“Ao aproximar-se de Jericó”).

Já Burnier,¹⁶ diz que um pormenor desses de localização não interfere de modo algum no valor da mensagem nem na sua qualidade teológica, e, pode-se dizer, com acerto, que, no caso do cego de Jericó, Marcos é quem conservou mais fielmente a lembrança exata do ocorrido, seguido, então, por Mateus.

No entanto, pode-se dizer ser realmente desprovido de sentido teológico afirmar que Jesus “entrava” ou “saía” de Jericó? Tendo-se em vista a importância dada por Marcos ao tema da caminhada e seguimento de Jesus, a menção do sair coloca em relação mais estreita o relato de Mc 10,46-52 com o caminhar em direção a Jerusalém por Jesus e aqueles que o seguem, incluindo-se, agora, mais um novo discípulo - Bartimeu, o cego curado.

O colega de Bartimeu: O relato de Marcos concorda com o de Lucas, no fato de mencionarem apenas um cego (Mc 10,46 e Lc 18.35). Já Mateus menciona dois cegos (Mt. 20,30). É possível que “tal como na história dos endemoninhados gerasenos, Marcos e Lucas mencionam apenas o portavoz, Bartimeu, dentro do par mencionado por Mateus.”¹⁷

¹⁴ ORCHARD), B. et al. *Verbum Dei - comentário a La Sagrada Escritura*, Vol. III. Barcelona: Herder, 1960, p. 526.

¹⁵ GUNDRY, R. H. *Panorama do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1991, p. 194.

¹⁶ BURNIER, M. P. *Perscrutando as Escrituras - São Marcos (V)*. Petrópolis: Vozes, 1969, p. 61.

¹⁷ GUNDRY, R. N., *op. cit.*, p. 194.

2. Situação Social de Bartimeu: cego e mendigo.

Bartimeu é apresentado no Evangelho de Marcos (10,46) como “cego mendigo” - τυφλὸς προσαίτης - (Mc 10,46), que “estava assentado à beira do caminho” - (ἐκάθητο παρὰ ὁδόν).

A cegueira era bastante comum no Oriente Próximo, sendo que o brilho do sol, a poeira e a sujeira podem ser apontados como as causas principais que podiam causar a inflamação dos olhos e levar à cegueira.¹⁸ Muitas crianças já nasciam cegas (Jo 9,1). Esta doença fazia avultar o número de mendigos (Mt 9,27; 12,22; 20,30; 21,14), pois, estando incapacitados para outros trabalhos, restava-lhes pedir esmolas.¹⁹ Tal era a situação de Bartimeu.

Era proverbial a incapacidade dos cegos: “Ficarás tateando ao meio-dia, como o cego que tateia na escuridão...” (Dt 28,29); “Como cegos que andam a apalpar um muro, sim, como os que não têm olhos, andamos às apalpadelas, tropeçamos ao meio-dia como se fosse no crepúsculo...” (Is 59,10); “Erram como cegos pelas ruas...” (Lm 4,14).

Estando os cegos entre os mais fracos e necessitados entre o povo, estavam sob a proteção especial da Legislação Mosaica, que continha artigos muito humanitários a favor deles: “Não amaldiçoarás o mudo e não porás obstáculo diante de um cego; mas temerás o teu Deus. Eu sou Iahweh” (Lv 19,14). Uma das maldições que o povo deveria proferir no monte Ebal, era: “Maldito seja aquele que extravia um cego no caminho! E todo o povo dirá: Amém!” (Dt 27,18).

A pessoa piedosa ajudava os cegos. Em sua apologia da vida que até então levava, Jó lembra aos seus amigos que cuidara dos desvalidos e servira de “olhos para o cego” (Jó 29,15).

Bartimeu estava entre as camadas mais carentes da sociedade de seus

¹⁸ BROWN, C. *O novo dicionário internacional de teologia do Novo Testamento*. Vol. I. São Paulo: Vida Nova, 1989, p.396.

¹⁹ DAVIS, J. *op. cit.*, p. 113.

dias. Rohrbagh²⁰ diz que este cego estava na classe social dos degradados, impuros, pródigos, mendigos; no baixo status das prostitutas, dos pobres trabalhadores diaristas e dos curtidores. Díficeis eram as condições de vida dessas pessoas e pouco ou nada se podia fazer para melhorá-las.

Estando entre os mais carentes da sociedade, Bartimeu sobrevivia da bondade dos transeuntes que passavam no caminho para Jericó. Pouca ou nenhuma perspectiva tinha de sair de tal situação. O encontro com Jesus de Nazaré, no entanto, acabaria por tirá-lo da condição de cego mendigo, dando, assim, um novo rumo à sua vida.

3. Situação Religiosa e Cultural da Palestina nos dias de Jesus - a questão da cegueira.

Em contraste com a lei penal babilônica e de outros povos (p. ex.: os Assírios), o cegar não era um castigo usado pelos israelitas.²¹

A cegueira, em Israel, era vista como um defeito, capaz de impedir alguém que o tivesse de atuar como sacerdote. Iahweh ordenou a Moisés que dissesse a Aarão: “Nenhum dos teus descendentes, em qualquer geração, se aproximará para oferecer o pão de seu Deus, se tiver algum defeito. Pois nenhum homem deve se aproximar, caso tenha algum defeito, quer seja cego, coxo, desfigurado ou deformado... Nenhum dos descendentes de Aarão, o sacerdote, poderá se aproximar para apresentar oferendas queimadas a Iahweh, se tiver algum defeito; tem defeito, e por isso não se aproximará para oferecer o pão do seu Deus” (Lv 21,17.18.21).

Animais cegos não podiam ser oferecidos em sacrifício. Moisés deveria advertir o povo sobre isso: “Não oferecereis a Iahweh animal cego, estropiado, mutilado, ulceroso, com dartos ou purulento. Nenhuma parte de tais animais será colocada sobre o altar como oferenda queimada

²⁰ ROHRBAUGH, R. L. “The social location of the Markan audience”, In: *Interpretation*, number 4, october, 1993, p. 387. Richmond: Union Theological Seminary in Virginia.

²¹ BROWN, C., *op. cit.*, p. 396.

a Iahweh” (Lv 22,22).

O judeu considerava a cegueira como um castigo divino contra o pecado humano, porque impedia o estudo da Lei. Ao ver um cego, a bênção pronunciada era: “Bendito seja o Juiz verdadeiro!”, dando a entender que a cegueira era um julgamento justo de Deus contra os pecados da pessoa cega ou contra os pecados de seus pais, que se revelavam nos filhos.²²

O caso do cego de nascença, curado por Jesus, cuja cura é relatada no capítulo 9 do Evangelho de João, ilustra bem a questão de ser a cegueira encarada como resultado do pecado. Ao verem um cego, os discípulos perguntaram a Jesus: “Rabi, quem pecou, ele ou seus pais, para que nascesse cego? (Jo 9,2). Provavelmente, baseavam-se em Ex 20,5: “... porque eu, Iahweh teu Deus, sou um Deus ciumento, que puno a iniquidade dos pais sobre os filhos até a terceira e quarta geração dos que me odeiam”, ou em Dt 28,28. 29, onde a cegueira é mencionada ao lado de outros males, como castigo divino, pela desobediência do povo às ordenanças divinas: “Iahweh te ferirá com loucura, cegueira e demência; ficarás tateando ao meio-dia como o cego tateia na escuridão.”

Os cegos e as pessoas portadoras de outros defeitos eram excluídos da comunidade de Qumran (cf. 1 Qsa 2,5s; 1 QM 7,4-5). Provavelmente, a comunidade baseava-se em Levítico 21,18s, embora a justificativa oficial era a de que “os anjos da santidade estão em sua congregação.”²³

Assim, Bartimeu sofria duplamente: era cego, e, conseqüentemente, pobre e mendigo, e era visto como alvo do castigo divino (por seu pecado ou pelos pecados de seus pais e antepassados).

²² BROWN. C., *op. cit.*, p. 396.

²³ *Ibid.* época em que Pôncio Pilatos (26-36 d.C.) era o procurador da Judéia e Herodes Antipas (4 a.C. - 39 d.C.) o tetrarca da Galiléia, sendo sumo-sacerdote Caifás (18- 36 d.C.).

4. Situação Política: a espera do Messias e sua obra.

Bartimeu viveu nos dias do imperador Tibério César (14-37 d.C.), na época em que Pôncio Pilatos (26-36 d.C.) era o procurador da Judéia e Herodes Antipas (4 a.C. -39 d.C.) o tetrarca da Galiléia, sendo sumo-sacerdote Caifás (I 8-36 d.C.).²⁴

Como todo o povo de Israel, Bartimeu aguardava a chegada do Messias, que faria com que uma nova era de glória raiasse para a nação Israelita, então subjugada pelos romanos. Assim, os Evangelhos sinóticos apresentam as curas, entre elas a de cegos, como uma prova de que a nova era raiou, do modo predito pelos profetas.²⁵

Isaías mencionara que uma era nova raiaria para Jerusalém. Seria uma era de bênçãos, quando, então, os olhos dos cegos seriam abertos (Is 35,5). Na promessa de libertação proclamada por Jeremias, os cegos são mencionados explicitamente: “Eis que os trago da terra do Norte, reúno-os dos confins da terra. Entre eles há o cego e o aleijado, a mulher grávida e a que dá à luz, todos juntos: é uma grande assembléia que volta” (31,8).

João diz que, “vendo os sinais que [Jesus] fazia, muitos creram em seu nome” (2,23). Com a cura de cegos, leprosos: paralíticos, endemoninhados, e mortos ressuscitados, “muitos judeus creram em Jesus como o Messias de Israel.”²⁶ Cada milagre operado por Jesus, foi um sinal que Ele “estava fazendo a própria obra predita acerca do Messias.”²⁷

²⁴ DAVIS, J., *op. cit.*, pp. 95, 115, 116, 270, 477 e 485.

²⁵ BRUCE, F. F. João - *introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova, 1990, p.191.

²⁶ FELLFR, M. *Jerusalém - cidade do Grande Rei*. Recife: Instituto da Herança Judaica, 1989.p. 235.

²⁷ WHITE, E. G. *O Desejado de todas as nações*, 8. ed. Santo André: Casa Publicadora Brasileira, 1976, p. 392.

Os milagres, no Segundo Evangelho, ocupam uma parte maior em seu curto relato do que nos outros evangelhos. Lagrange²⁸ diz que não há nada de improvável na História a não ser os milagres, mas, sem os milagres, muitas coisas na história de Jesus são extremamente improváveis: o entusiasmo do povo, o fato de muitos acreditarem que Ele era o Messias - apesar dele nunca ter dito isto, a fé em sua pessoa, demonstrada por seus discípulos e pelo povo que os acompanhavam, questiona o “improvável.” Os milagres realizados por Cristo estavam testemunhando essa realidade, por si só. João, mais tarde, vai usá-los nesse sentido: eles apontavam para além daquilo que Marcos registrava: para o fato de que Jesus de Nazaré é o enviado do Pai. “Este evangelho faz supor a existência divina de Cristo em toda a extensão de seu texto e também relata algumas tremendas manifestações desta divindade.”²⁹

Certamente, Bartimeu já ouvira falar acerca dos milagres de Jesus. Esses relatos de curas confirmavam-lhe a crença em Jesus como o Messias. Não é sem razão, então, que se dirige a Jesus chamando-o por duas vezes de “Filho de Davi” (Mc 10, 47.48). Tal título aparece aqui, em Marcos, pela primeira vez- Marcos, aliás, é bastante parcimonioso no uso desse título. “Deveria ser o título messiânico mais caro ao povo, que esperava ansiosamente a restauração do reinado e da dinastia de Davi.”³⁰

²⁸ Citado por WARD, M. *Eles viram a Sua gloria - introdução aos Evangelhos e Atos dos Apóstolos*. Petrópolis: Vozes, 1968, p. 131. Improvável na História a não ser os milagres, mas, sem os milagres, muitas coisas na história de Jesus são extremamente improváveis: o entusiasmo do povo, o fato de muitos acreditarem que Ele era o Messias - apesar dele nunca ter dito isto, a fé em sua pessoa, demonstrada por seus discípulos e pelo povo que os acompanhavam, questiona o “improvável.” Os milagres realizados por Cristo estavam testemunhando essa realidade, por si só. João, mais tarde, vai usá-los nesse sentido: eles apontavam para além daquilo que Marcos registrava: para o fato de que Jesus de Nazaré é o enviado do Pai. “Este evangelho faz supor a existência divina de Cristo em toda a extensão de seu texto e também relata algumas tremendas manifestações desta divindade.”

²⁹ WARD, M., *op. cit.*, p.139.

³⁰ BATTAGLIA, O., et all. *Comentário ao Evangelho de São Marcos*. Petrópolis: Vozes, 1978, p. 103.

5. O Propósito da Perícopos no Evangelho de Marcos.

Marcos, com certeza, tem um objetivo em relatar a cura de Bartimeu e sua confissão de ser Jesus “o Filho de Davi”, na caminhada final de Jesus em direção à Jerusalém, rumo à cruz.

A cura de Bartimeu (e também a de seu companheiro, cf. Mt 20,29-33) deve ter sido a última cura de cegos, atribuída a Jesus,³¹ dentre as muitas que realizou. Se se omite a história da figueira amaldiçoada (Mc 11,12-14. 20- 25), que, na verdade, não é uma história de milagre semelhante às demais, no Evangelho de Marcos, a cura do cego Bartimeu é o último milagre relatado por este evangelista.

A cura de Bartimeu é um milagre que representa um clímax, e, por isso, merece toda a atenção. Constitui o encerramento de uma série de Perícopos (8,27-10,52), onde Jesus ensinou a respeito de Seus sofrimentos próximos e da senda do discipulado. Em Marcos, esse milagre é usado como veículo para a comunicação dessas lições sobre Jesus.³²

Os dois relatos de curas de cegos em Mc 8,22-26 e em 10,46-52, funcionam como símbolos ou pilares-estruturas. Os capítulos 8-10 do Evangelho de Marcos são devotados ao descortínio do destino de Jesus em Jerusalém, o verdadeiro significado de Sua missão e a tentativa de iluminar os discípulos (e também os leitores deste Evangelho), “quanto à pessoa de Jesus e o papel que devem desempenhar Seus seguidores.”³³

³¹ Alfonso Garcia Rubio afirma que “Jesus não se dedica a fazer milagres, não pretende ser um taumaturgo (realizador de portentos maravilhosos), não toma a iniciativa de realizar curas: atende a quem dele se aproxima pedindo ajuda.” (RUBIO, A. G. *O encontro com Jesus Cristo vivo*. São Paulo: Paulinas, 1994, p. 69). Bédou Rigaux, no entanto, diz que Jesus de Nazaré não é, para Marcos, um homem entre os demais. Segundo ele, a imagem mais clara que o leitor retém de Jesus e o seu poder taumatúrgico: só no seu Evangelho, Marcos apresenta Jesus operando 20 milagres. (RIGAUX, B., *op. cit.*, pp. 121-2).

³² HURTADO, L. W., *op. cit.*, p. 186.

³³ *Ibid.*

Os numerosos milagres realizados por Cristo, entre os quais a restauração da vista aos cegos, mostram que, de fato, Jesus de Nazaré é o Filho de Deus,³⁴ o Messias que viera recuperara vista tanto aos cegos físicos (Mt 15, 30-31), quanto aos cegos espirituais (cf. Jo 9,39-41).

O relato da cura de Bartimeu está situado na terceira parte do Evangelho de Marcos, que trata da caminhada de Jesus rumo à Jerusalém e Sua Paixão naquela cidade. Marcos deve ter como propósito, ao relatar esse milagre, a caminhada e o seguimento de Jesus, pela comunidade leitora de seu Evangelho: o exemplo de prontidão do ex-cego em seguir Jesus sem se importar com as dificuldades (deve-se lembrar que Jesus caminhava para a morte), deveria motivar cada pessoa dessa comunidade, bem como a quantos viessem a ler seu Evangelho.

Mas, para que haja caminhada e seguimento, faz-se necessário “ver”, no sentido de se compreender Jesus e Sua missão. A comunidade de Marcos não deveria imitar os próprios discípulos de Jesus - tão lentos em compreender Sua missão e futura paixão (Mc 8,31-32; 9,31-32, 10, 32-45), mas fazer como Bartimeu: tão logo recobrou a visão, tornou-se um discípulo de Jesus, seguindo-O “no caminho” (Mc 10,52).

“O real milagre na história de cura do cego de Jericó parece ser, o dom do discernimento propiciado pela fé.”³⁵ Pode-se dizer, então, que “a chave de leitura do Evangelho de Marcos é a descoberta do Messias.”³⁶ O Evangelho pode ser chamado de “o itinerário do discipulado”, no qual os discípulos precisam discernir a missão e o seguimento de Jesus.³⁷ Na perícopé da cura de Bartimeu, vê-se que ele discerne em Jesus de Nazaré o Messias e O segue.

³⁴ CAIRNS, E. E. *O cristianismo através dos séculos*. São Paulo: Vida Nova, 1992, p. 43.

³⁵ CARROL, J. T. *Interpretation*, number 2, abril 1995, p. 132.

³⁶ MAZZAROLLO, I. *A Bíblia em suas mãos*. 2. ed. Porto Alegre: Est Edições, 1996, p.116.

³⁷ *Ibid.*

6. Exegese do Texto.

Numa primeira observação da Perícope (Mc 10,46-52), vê-se bem destacada a situação miserável do cego (v. 46), seu grito por ajuda (v. 47), a repreensão que sofre por parte da multidão (v. 48a), a insistência, por parte do cego, em pedir ajuda (v. 48b), o chamado de Jesus ao cego (V. 49), a ida de Bartimeu a Jesus (v.50), a cura efetuada (vv. 51-52a) e o seguimento de Jesus por parte do cego curado (v. 52b).

Tendo como ponto central a humana necessidade e desesperança e a compaixão de Cristo, se encontram:

- **Da parte do cego:** seu grito por ajuda; seu reconhecimento da Messianidade de Jesus;³⁸ sua insistência em pedir auxílio, mesmo quando é repreendido pela multidão; sua prontidão em ir ter com Jesus, demonstrando, assim, sua fé no poder do Salvador; seu seguimento de Jesus, “no caminho” que leva à cruz.

- **Da parte da multidão:** sua indiferença e repreensão ao cego que clamava por ajuda; sua mudança de atitude para com o cego, após Jesus tê-lo chamado, o que demonstra a volubilidade da multidão em seu comportamento e atitudes. Daí o perigo de se seguir a multidão.

- **Da parte de Jesus:** Seu interesse pela situação do cego, ao parar a caminhada, chamá-lo e perguntar o que ele queria; Seu louvor à demonstração de fé, por parte do cego; A cura da cegueira de Bartimeu.

6.1 - O Pedido de Bartimeu - 10,46-48:

6.1.1 - O cego Bartimeu. “...estava sentado à beira do caminho, mendigando, o cego Bartimeu...” (10,46). O vocábulo grego τυφλός, de

³⁸ Bartimeu crê que Jesus de Nazaré é o “Filho de Davi” (designação judaica do Messias). Jesus louva-lhe a fé dizendo: “A tua fé te salvou” (Mc 10,52a). Não é uma fé totalmente acrisolada ainda, mas o suficiente para crer na bondade e no poder de Jesus em salvá-lo de sua vida desesperançada. (SCHNACKENBURG. R., *op. cit.*, p. 121).

Homero em diante, significa “cego.”³⁹ É empregado literalmente para homens e animais, e também no sentido figurado dos outros sentidos e da mente. É ainda aplicado “a coisas escuras e obscuras e também a rios e portos entupidos com lama. É bem atestado o costume bárbaro de cegar por vingança ou castigo.”⁴⁰

Na LXX, a cegueira também é empregada metaforicamente. As propinas podem cegar as pessoas de tal modo que elas não enxergam a injustiça: “Não aceitarás presentes, porque os presentes cegam até os perspicazes e pervertem as palavras dos justos” (Ex 23,8); “Não perverterás o direito, não farás acepção de pessoas e nem aceitarás suborno, pois o suborno cega os olhos do sábio e falseia a causa dos justos” (Dt 16,19). Deus permite que o desobediente acabe não vendo o que é reto e verdadeiro: “Embota o coração deste povo, torna pesados os seus ouvidos, tapa-lhe os olhos, para que não veja com os olhos, e não ouça com os ouvidos, e não suceda que o seu coração venha a compreender, que ele se converta e consiga a cura” (Is 6,9).

Os profetas do AT falam do estado de cegueira do povo de Israel, que, deixando a proteção de Iahweh, se voltava para os ídolos (cf. Is 42,17.18; 43,8.10-13).

A cegueira também é empregada metaforicamente no NT. Jesus chama os Fariseus de “guias cegos” que conduzem outros cegos (Mt 15,14). Paulo (Rm 2,18.19) menciona que os judeus, treinados na Lei, consideravam-se “guias de cegos” (ὁδηγὸν τυφλῶν) em relação aos pagãos que não conheciam a Lei. Achavam que somente eles, judeus, poderiam trazer luz e oferecer a verdade e o entendimento aos “cegos” pagãos.

Jesus não mostrou simpatia pela cegueira dos Fariseus. Pelo contrário: condenou-os, pois a cegueira em não reconhecer os sinais do Reino e da chegada do Messias, tornava-os endurecidos (cf. Mt 16,1-4; Mc 8,11. 12).

³⁹ BROWN. C. ed. O novo dicionário internacional de teologia do Novo Testamento. Vol. I. São Paulo: Vida Nova, 1989, p. 396.

⁴⁰ Ibid.

Marcos coloca a cura do cego Bartimeu, que conseguiu ver (no sentido físico e espiritual) precedendo a rejeição final de Jesus e sua condenação à morte. Ao fazer isso, quer Marcos apresentar o contraste entre a atitude deste cego, que vê em Jesus o Messias, e a atitude negativa dos líderes que estavam cegos para a pessoa e missão de Jesus. Salvo alguns, como Nicodemos (Jo 3,2), Zaqueu (Lc 19,1-10), o Centurião, junto à cruz (Lc 23,47), as autoridades permaneceram cegas quanto ao fato ser Jesus de Nazaré o Enviado de Deus. No Evangelho de João está escrito que “apesar de ter realizado tantos sinais diante deles, não creram nele”(12,37).

Mas o estado de cegueira não se limitava só às autoridades. Os próprios discípulos eram tardios em compreender a natureza do messianismo de Jesus. Mesmo após Sua ressurreição, Jesus teve que dizer a dois deles, no caminho para Emaús: “insensatos e lentos de coração para crer tudo o que os profetas anunciaram! Não era preciso que o Cristo sofresse tudo isso e entrasse em sua glória?” (Lc 24, 25. 26).

6.1.2 - Bartimeu, filho de Timeu. Dos três sinóticos, só Marcos menciona o nome do cego curado: trata-se de “Bartimeu, filho de Timeu” (ὁ υἱὸς Τιμαίου Βαρτιμαῖος). É o único nome próprio numa história sinótica de milagre (com exceção de Mc 5,22, onde Jairo é mencionado, em relação à ressurreição de sua filha).⁴¹

A menção estranha e desusada do nome do cego, “prova de que se trata de uma autêntica tradição histórica.”⁴² Marcos tão raramente recorda nomes, que este relato merece crédito.⁴³

⁴¹ BULTMANN crê que é possível que o nome “Bartimeu”, que falta em Mateus e em Lucas, foi colocado mais tarde no Evangelho de Marcos, e que este Evangelho, em suas forma atual é de uma formação tardia. (BULTMANN, R. *L'Histoire de la tradition synoptique*. Paris: Éditions du Seuil, 1973, p. 264). CRANFIELD diz que a frase explicativa “o filho de Timeu”, antes do nome aramaico “Bartimeu”, sugere a possibilidade que ela seja uma glosa de um escriba. (CRANFIELD, C. E. B., *op. cit.*, p.344).

⁴² SCHMID, J. *El Evangelio según San Marcos*. Barcelona: Herder, 1967, p. 293.

⁴³ TAYLOR, V. *The gospel according to Saint Mark*. 2. ed. London: Macmillan Press, 1974, p.446.

Há várias conjecturas sobre as razões para a menção do nome deste cego: 1) Bartimeu teria sido o porta-voz, dentre os dois cegos curados em Jericó, mencionados por Mateus (20, 29-34);⁴⁴ 2) A menção do nome do cego, em Marcos, poderia dar-se pelo fato de que Bartimeu (um dos dois cegos curados) foi quem se tomou discípulo de Jesus, e, mais tarde, um membro da Igreja - a conclusão da narrativa aponta para isso: "...e o seguia no caminho" (Mc 10, 52b);⁴⁵ 3) Bartimeu em mais célebre e conhecido que seu companheiro curado;⁴⁶ 4) Marcos teria conservado mais fielmente a lembrança exata do ocorrido,⁴⁷ daí lembrar-se do nome de um dos cegos curados em Jericó.

Quanto à derivação do nome de Bartimeu, não se tem muita certeza. Pode ser derivado da forma grega Τιμαιῶς, nome familiar na obra Timeu, de Platão.⁴⁸ Mais provavelmente, pode ser um patronímico de origem aramaica, significando "filho de Timeu (Bartime' ai), ou "filho impuro" (*tame'*). Ser derivado de *samya* (cego) é altamente duvidoso.⁴⁹ Τιμαῖος é, muito provavelmente, o nome grego para *Timay*. (Um Rabi Josué Bartimay é mencionado num Midrash sobre o Eclesiástico).⁵⁰

A menção de seu nome sugere que Bartimeu deveria ser bem conhecido na Igreja de Jerusalém⁵¹ "adquirindo uma certa notoriedade entre os primeiros cristãos."⁵² Provavelmente, o cuidado em mostrar

⁴⁴ GUNDRY, R. H. *Panoramado Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1991, p. 194.

⁴⁵ DIBELIUS, M. *From tradition to gospel*. London: Redwood Press Limited, 1971, pp. 52-3.

⁴⁶ LAGRANGE, M.-J. *Sinossi dei Quattro Evangelii*. 4. ed. Brescia: Morcelliana, / s.d./, p. 174.

⁴⁷ BURNIER, M. P. *Perscrutando as Escrituras - São Marcos (V)*. Petrópolis: Vozes, 1969, p. 61.

⁴⁸ TAYLOR, V., *op. cit.*, pp. 447-8.

⁴⁹ *Ibid.*

⁵⁰ CRANFIELD, C. E. B., *op. cit.*, p. 344.

⁵¹ TAYLOR, V., *op. cit.*, p. 448.

⁵² LONGTON, J. *Dictionnaire encyclopedique de la Bible*. Maredsous: Brepols, 1987, p. 188.

quem era seu pai (Timeu), mostra que ambos (e, talvez a família toda) se tornaram elementos da Igreja Cristã, conhecidos nos dias de Marcos. Não é impossível que Bartimeu tenha podido narrar aos evangelistas a história do episódio, a qual aparece nos Evangelhos sob diversas formas, por razões desconhecidas.⁵³

6.1.3 - Cego e mendigo. Bartimeu era “cego e mendigo” (τυφλός προσαίτης). Como cego, dificilmente lhe restaria outra opção, a não ser a de pedir esmolas. Dessa maneira, estava na mesma classe social dos degradados, impuros e pródigos, dos pedintes, das prostitutas, dos pobres trabalhadores diaristas e dos curtidores⁵⁴ (estes últimos eram tidos por cerimonialmente impuros “devido ao seu contínuo contato com animais, razão pela qual sua companhia devia ser evitada”).⁵⁵ As condições de vida das pessoas dessa classe social eram aterradoras, e suas oportunidades virtualmente reduzidas a zero.⁵⁶

Além de ser um defeito cúltico (cegos não podiam atuar como sacerdotes - cf. Lv 21,18), a cegueira era vista como um castigo divino ao pecado humano (cf. Jo 9, 1-2). Era considerada maldição porque impedia o estudo da Lei. Pessoas cegas não eram admitidas na comunidade de Qumran.⁵⁷

Deveras deplorável era a situação deste cego de Jericó: era, não somente um cego (e, conseqüentemente, tido como um amaldiçoado por Deus), mas também um mendigo - duas circunstâncias que, freqüentemente, vão lado a lado: Para sobreviver, dependia da misericórdia alheia.⁵⁸

⁵³ CHAMPLIN, R. N. *O Novo Testamento interpretado*. Vol. I. São Paulo: Candeia, 1995, p. 754.

⁵⁴ ROHRBAUGH, R. L. “The social location of the Markan audience”, In: *Interpretation*, number 4, p. 387, outubro, 1993. Richmond: Union Theological Seminary in Virginia.

⁵⁵ GUNDRY, R. L., *op. cit.*, p.248.

⁵⁶ ROHRBAUGH, R. L., *op. cit.*, p. 387.

⁵⁷ BROWN, C. Vol. I, *op. cit.*, p. 396.

⁵⁸ HENDRIKSEN, W. *The gospel of Mark*. Edinburg: Banner, 1975, p. 420.

6.1.4- O grito por ajuda. “Quando percebeu que era Jesus, o Nazareno, que passava, começou a gritar: ‘Filho de Davi, Jesus, tem compaixão de mim!’”(10,51).

Marcos, ao relatar a passagem de Jesus por Jericó, parece ter em mente a perspectiva do Êxodo e da conquista da Palestina.⁵⁹ Como Josué, mais de um milênio antes, Jesus também passa por Jericó, antes de subir à Jerusalém.

Em Jericó, é aceito como Messias (o “Filho de Davi”) pelo cego Bartimeu (Mc 10,47-48), e como Salvador por Zaqueu, o coletor de impostos (Lc 19, 1-10). Marcos poderia estar fazendo, nesta perícopie, uma crítica profética à não recepção messiânica de Jesus, ao contrapor Sua aceitação em Jericó (simbolizada pelo discernimento e pela visão) e Sua rejeição e condenação à morte em Jerusalém (simbolizada pela falta de discernimento e cegueira quanto à Sua pessoa e missão).⁶⁰

Ao ouvir que era Jesus, o Nazareno quem passava, Bartimeu começou a gritar⁶¹: “Filho de Davi, Jesus, tem compaixão de mim!” Pela maneira com que se dirigiu a Jesus, pressupõe-se de que já ouvira falar dEle. Certamente já ouvira a respeito de outras curas de cegos, efetuada por Jesus de Nazaré. Deve ter-se perguntado se não seria Ele o Messias, uma vez que, dele se esperava que desse vista aos cegos.⁶² Certamente, nutria a esperança de algum dia poder encontrar-se com Jesus e receber dele a cura. Mas, passaria Jesus por aquele caminho? Mas naquele dia os conselhos de Deus estavam em seu favor, como sempre acontece com os que reconhecem sua necessidade e cegueira.⁶³

⁵⁹ HURTADO, L. W. *Novo comentário bíblico contemporâneo - Marcos*. Florida: Editora Vida, 1995, p. 186.

⁶⁰ SCHNACKENBURG, R., *op. cit.*, p. 121.

⁶¹ O verbo grego para “gritar” é κρᾶζω, “que tem uma derivação onomatopaica, kr+vogal+gutural, o que reflete o grasnido rouco do corvo. *Krazo* é comum nos sinóticos, e se emprega, primariamente, para gritos por socorro, que brotavam da necessidade e/ou do medo (Mt 9,27; 14,26). (BROWH, C., *op. cit.*, Vol. I. pp. 439-40).

⁶² CHAMPLIN, R. N., *op. cit.*, pp. 293-4.

⁶³ CHAMPLIN, R. N., *op. cit.*, p. 506.

O grito por ajuda, da parte de Bartimeu, provê um quadro perfeito de como alguém vai a Deus: ansiando por uma vida plena e cômico de sua situação miserável, grita por ajuda.⁶⁴ “Bartimeu é o eterno quadro de alguém em necessidade.”⁶⁵ Seu clamor não caiu em ouvidos moucos - Jesus não somente passou pelo caminho onde estava o cego, como também curou-o, dando-lhe novo rumo à vida.

6. 1.5 - A repreensão da multidão.

“E muitos o repreendiam para que se calasse. Ele, porém, gritava mais ainda: ‘Filho de Davi, tem compaixão de mim!’” (10,48).

Repreenderam o cego e o mandaram calar (σιμωπάω = guardar silêncio, calar-se, ficar mudo).⁶⁶ Foi bastante cruel, da parte de muitos da multidão quando, à cegueira de Bartimeu, quiseram acrescentar-lhe a mudez. “As multidões, com sua imediata intolerância, com suas emoções indisciplinadas, podem fazer coisas cruéis e sem dó.”⁶⁷ Para ela, o mendigo não tinha importância: era apenas um cego que, naquele momento, incomodava a caminhada.

Usualmente, as multidões demonstravam o desejo de ver Jesus realizar algum milagre; porém, no episódio do cego Bartimeu, em Jericó, todos se sentiam ansiosos para que Jesus logo chegasse a Jerusalém, a fim de inaugurar o reino de Deus, de acordo com o conceito político que dele tinham. Parecia indiscutível que a sua determinação por subir à Jerusalém, apesar de toda a oposição das autoridades, significava que Ele estava prestes a declarar guerra, esmagar os Seus inimigos e estabelecer o reino visível.⁶⁸

⁶⁴ MOULE, C. F. D. *The gospel according to Mark*. London: Cambridge University Press, 1976, p. 85.

⁶⁵ COLE, A. *Mark*. Leicester: Inter-Varsity Press, 1977, p. 172.

⁶⁶ TAYLOR, W. C. *Dicionário do Novo Testamento grego*, 5. ed. Rio de Janeiro: JUERP. 1978, p. 199.

⁶⁷ CHAMPLIN, R. N., *op. cit.*, p. 754.

⁶⁸ GUNDRY, R. H. *op. cit.*, p. 193-4.

É possível que tivessem repreendido o cego por acharem que nenhum esmoler cego fosse digno da atenção de Jesus. Reis, geralmente, não dão atenção a esmoleres cegos.⁶⁹ Jesus, entretanto, era um tipo diferente de rei: recebia os cegos em Sua comunhão, “dando-lhes, assim, a participação no reino de Deus.”⁷⁰

Adam Clarke observa, com grande propriedade, que “sempre que uma alma começa a clamar por Jesus, rogando luz e salvação, o mundo e o diabo se aliam para sufocar esse clamor e obrigá-la ao silêncio.”⁷¹

A interrupção de Bartimeu deve ter aborrecido a multidão, que estava interessada em Jesus - o foco da atenção do momento. O fato de Bartimeu lançar, confiantemente, sua insignificância no meio do palco era um transtorno. “Enfrentaram isso com indiferença de pedra e com a ordem de calar-se. A reprimenda deles tem ecoado através... dos séculos.”⁷²

Os que repreenderam o cego representam os indiferentes, os que não se sensibilizam com o sofrimento do outro. Hoje, ainda, a resposta de muitos aos clamores dos necessitados é para que se calem. Bartimeu, no entanto, “gritava mais ainda...” (Mc 10,48). “Ele tem a graça da perseverança”,⁷³ e esta não foi desapontada.

6.2 - A Cura - 10,49-52:

6.2.1 - O chamado de Jesus.

“Detendo-se, Jesus disse: ‘Chamai-o!’ Chamaram o cego, dizendo-lhe:

‘Coragem! Ele te chama. Levanta-te’” (10,49)

⁶⁹ CHAMPLIN, R. N., *op. cit.*, pp. 506-7.

⁷⁰ BROWN, C., *op. cit.*, p. 396.

⁷¹ Citado por CHAMPLIN, R. N., *op. cit.*, p. 507.

⁷² CHAMPLIN, R. N., *op. cit.*, p. 754.

⁷³ COLE, A., *op. cit.*, p. 172.

O grito por ajuda fez Jesus deter-se. Agindo diferentemente dos que repreenderam o cego, Ele parou e mandou chamá-lo. Para Jesus, todos são importantes, especialmente os que sofrem, os carentes e necessitados. Atendendo e curando Bartimeu, Jesus estava cumprindo Sua missão messiânica de evangelizar os pobres, proclamar a remissão aos presos e dar vista aos cegos (cf. Is 61,1-2 / Lc 4,18).

Curiosa é, aqui, a atitude da multidão.⁷⁴ Aqueles que antes repreendiam o cego e ordenavam que ele se calasse, agora o animam a ir a Jesus. Percebe-se como as emoções de muitos, numa multidão, podem ser indisciplinadas, mudando ao sabor dos acontecimentos. Daí o conselho para se evitar tomar o partido da multidão ou de se inclinar para a maioria (cf. Ex 23,5).

João menciona que as multidões estavam divididas até quanto ao messiado de Jesus (cf. 7,40-43). Certamente que seguir a multidão pode ser perigoso – ora ela pode clamar: “Hosana! Bendito o que vem em nome do Senhor! Bendito o Reino que vem, do nosso pai Davi!” (Mc 11,9-10), ora pode ser persuadida pelos Sacerdotes e Anciãos a pedir a soltura de Barrabás e a morte de Jesus (cf. Mt 27,20). Felizmente, para Bartimeu, a mudança ocorrida com a multidão foi positiva: graças ao interesse de Jesus em atender o cego, passaram da repreensão à animação.

6.2.2 – Lançou de si a capa

“Deixando a sua capa, levantou-se e foi até Jesus” (10,50). A palavra grega para “capa” é ἱμάτιος – “roupa, em geral; capa, túnica da

⁷⁴ A palavra grega para multidão é ὄχλος – no grego Clássico significa “multidão, aglomeração, turba sem líder e sem freios, massa popular sem importância política e cultural.” No Novo Testamento, usualmente, é uma “turba de pessoas”, sem se formar ou caracterizar por qualquer tradição ou costume especial. (BROWN, C. ed. *O Novo dicionário internacional de teologia do Novo Testamento*, Vol. III. São Paulo: Vida Nova, 1989, pp. 625-6).

roupa exterior.”⁷⁵ Era uma “peça do vestuário, ordinariamente larga e sem mangas, para uso sobre outra roupa.”⁷⁶

Em sua condição de cego e mendigo, Bartimeu devia usar uma velha e surrada capa. Seu modo de trajar mostrava a todos sua condição miserável. Essa capa devia servir-lhe, também, de esteira, onde dormia. “Atirá-la longe, sugere que o homem acreditava que não precisaria mais dela, que ficaria curado.”⁷⁷

Como a roupa identifica a condição social e a situação da pessoa,⁷⁸ deixar a capa, além de desembaraçar-lhe os movimentos, sugere também mudança de vida: estava deixando as trevas da cegueira e o opróbrio da mendicância, e tornando-se um discípulo de Jesus. O ato de Bartimeu, em desfazer-se da capa (similar ao da Samaritana, quando deixou seu cântaro junto ao poço e correu à cidade anunciar sua descoberta do Messias - Jo 4, 28), indica à comunidade que, no seguimento de Jesus, deve desfazer-se de tudo o que atrapalha esse seguimento. Deve lançar fora toda indiferença, descrença e descompromisso. Deve, audazmente, seguir o Salvador, testemunhando dEle em palavra e ação, como fez o cego curado.

Bartimeu “levantou-se de um salto.”⁷⁹ Foi o salto do seguimento, do “deixar tudo”, dá entrega plena, sustentado pela graça de Cristo.⁸⁰ Foi “um salto da alma, e não apenas das pernas.”⁸¹

⁷⁵ GINGRICH, W. F. *Léxico do Novo Testamento grego/português*. São Paulo: Vida Nova, 1986, p. 101.

⁷⁶ DAVIS, J. *Dicionário da Bíblia*. Rio de Janeiro: JUERP, 1982, p. 106.

⁷⁷ HURTADO, L. W., *op. cit.*, p. 192.

⁷⁸ É o caso do filho pródigo (Lc 15,22). O pai ordenou que vestissem o filho com a “melhor roupa” – στολήν τήν πρώτην. Στολή, é vestimenta da aristocracia do Oriente. In: TAYLOR, W. C., *op. cit.*, p. 205.

⁷⁹ “Levantou-se” — ἀναπηδήσας - particípio 1º Aoristo, nominativo, masculino, singular, de ἀναπηδάω = saltar. (TAYLOR, W. C., *op. cit.*, p. 21).

⁸⁰ VON BALTHAZAR, H. U. *Ensaio teológico, Vol. II*. Madri: Guadarrama, 1965, p. 121.

⁸¹ CHAMPLIN, R. N., *op. cit.*, p. 754.

“Lançando de si a capa, levantou-se de um salto, e foi ter com Jesus.” Aqui se sente a imensa emoção do momento. Antes, o cego se mantinha imóvel, sentado. Não podia correr atrás de Jesus porque lhe faltava a vista. Podia apenas ficar ali sentado... Sabendo que Jesus estava disposto a atender ao seu clamor, o cego saltou sobre os pés e lançou de si a capa... Sem qualquer pejo... ele expôs o seu pedido. A saída triunfal de Jericó, por parte de Jesus, não teria sido triunfal para Bartimeu, se Jesus tivesse passado por ele, e ele continuasse cego. Bartimeu resolveu fazer aquele dia ser realmente triunfante, e sabia que Jesus era capaz disso.⁸²

6.2.3 – “Que queres que eu te faça?”

“Então Jesus lhe disse: ‘Que queres que eu te faça?’ O cego respondeu: ‘Rabbúni! Que eu possa ver novamente’” (10,51).

Óbvio era a necessidade do cego. Mas, por que Jesus fez a pergunta? Talvez porque, como bom mestre e pastor que era, desejava encorajar o cego a expressar seus desejos, esperanças e aspirações e propiciar-lhe a oportunidade de exprimir sua fé, sobre a qual, então, o Salvador poderia agir.⁸³

Fosse outro quem fizesse a pergunta, ou fosse outra a ocasião, Bartimeu, certamente, teria pedido uma esmola, pois, para isso assentava-se à beira do caminho. Mas esse era um dia especial, e quem fazia a pergunta também: era o “Mestre”, o “Filho de Davi.” Então, Bartimeu pediu algo muito melhor: que pudesse ver novamente, e não foi desapontado quanto ao que pediu.

O cego dirige-se a Jesus, chamando-O de “Mestre” (Rabbouni), termo que significa “Meu Senhor,”⁸⁴ “Meu Mestre.”⁸⁵ Ao chamá-lo dessa

⁸² Ibid., *op. cit.*, p. 507.

⁸³ CHAMPLIN, R. N., p. 754.

⁸⁴ TAYLOR, V., *op. cit.*, p. 449.

⁸⁵ CRANFIELD, C. E. B., *op. cit.*, p. 346. Segundo a *Bíblia de Jerusalém*, p. 2038, Rabbouni é tratamento mais solene do que Rabbi, e, muitas vezes, usado quando se dirige a Deus.

forma, Bartimeu expressava seu profundo respeito ao Messias, enviado por Deus.⁸⁶

Banimeu pediu para “ver novamente.” A palavra grega para “ver novamente” é ἄναβλέψω (futuro de ἀναβλέπω = olhar para cima, ver novamente, recobrar a vista).⁸⁷ O substantivo feminino ἀναβλέψις significa “recuperação da visão”,⁸⁸ e a preposição ἀνά, além de significar “acima, para cima”,⁸⁹ pode significar, também, “de novo.”⁹⁰ Isso pode significar que Bartimeu não era cego de nascença⁹¹, como o cego que foi curado por Jesus, mencionado no Evangelho de João, capítulo 9, mas já enxergara anteriormente, e, por alguma razão acabara ficando cego. Assim, muitas Versões da Bíblia traduzem ἀναβλέψω por “ver novamente.”

Se Bartimeu já enxergara anteriormente, como parece ser o caso, deveria sentir grande desejo de ser curado: poderia experimentar novamente a alegria de poder ver as coisas e pessoas ao seu redor. Poderia voltar a se locomover, orientando-se por si mesmo.

6.2.4- Fé e cura:

“Jesus lhe disse: ‘Vai, a tua fé te salvou.’ No mesmo instante ele recuperou a vista e seguia-o no caminho” (10,52).

“A tua fé te salvou.” O mesmo elogio é feito à mulher que tinha fluxo de sangue (Mc 5,34). Em Mc 2,5, é mencionada a fé que os amigos do parálítico demonstraram. Estas são as únicas pessoas cuja fé é elogiada

⁸⁶ Maiores detalhes sobre a palavra Rabbouni são dados no item 7.3.2.

⁸⁷ *THE ANALYTICAL GREEK LEXICON*. Michigan: Zondervan, 1975, p. 20.

⁸⁸ GINGRICH, W. F. *op. cit.*, p. 19.

⁸⁹ REGA, L. S. *Noções do grego bíblico*. 2. ed. São Paulo: Vida Nova. 1978, p. 52.

⁹⁰ TAYLOR, W. C. *Introdução ao estudo do Novo Testamento grego*. 9. ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1990, p. 254.

⁹¹ NOLLI, G. *Evangelho secondo Marco*. 2. ed. Città del Vaticano: Vaticana, 1980, p. 272 Evangelho de João, capítulo 9, mas já enxergara anteriormente, e, por alguma razão acabara ficando cego. Assim, muitas Versões da Bíblia traduzem ἀναβλέψω por “ver novamente.”

em Marcos.⁹² (Talvez, poder-se-ia incluir também a fé que demonstrou a mulher siro-fenícia - Mc 7,29).

Fé⁹³ no poder c na pessoa de Jesus foi necessária para que Bartimeu fosse curado. Muitos outros entraram em contato com Jesus, mas nem todos experimentaram a vida restaurada do Reino. “A salvação física exigia a resposta da fé. Ela não entrava em função ex opere operato... Era necessária uma resposta espiritual para receber a bênção física.”⁹⁴ No Evangelho de Marcos, “a fé é o meio... no qual o homem pode (mediante a entrega). O sobrenatural pode acontecer ao homem que pode entregar-se tal como Cristo quer, mais ainda, como Cristo o faz.”⁹⁵ (Grifos do autor citado).

De preferência, emprega-se [fé] nos casos em que pessoas vêm a Jesus em busca de ajuda; aí a fé... consiste na certeza de que Jesus pode ajudar, porque tem poder sobre... as doenças. Esta certeza, porém, é mais do que mera fé em milagres, pois envolve uma tomada de posição para com a missão e a pessoa de Jesus, que se expressa, por exemplo, nas interpelações de rabbi..., rabbunai, filho de Davi, que são mais do que títulos de cortesia.⁹⁶

É interessante o confronto entre a cura do cego de Betsaida (Mc 8, 22- 26) e a de Bartimeu. A cura de Betsaida foi progressiva, em duas etapas (Jesus cuspiu nos olhos cegos e depois colocou as mãos sobre eles). O

⁹² HURTADO, L. W., *op. cit.*, p. 192.

⁹³ Fé - gr. πίστις SOUTER, define-a como significando “a atitude pela qual a inteira personalidade humana descansa sobre Deus ou o Messias, em absoluta confiança e dependência em seu poder, bondade e sabedoria.” (Citado por TAYLOR, W. C., *op. cit.*, p. 174). Às vezes, πίστις é usada para convicções intelectuais ou crenças doutrinárias. Este tipo de fé não salva, sendo comum aos homens e demônios, cf. Tg 2,19.

⁹⁴ LADD, G E. *Teologia do Novo Testamento*. 2. ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1985, p. 73.

⁹⁵ VON BALHAZAR. H. U., *op. cit.*, p. 119.

⁹⁶ JEREMIAS, J. *Teologia do Novo Testamento: a pregação de Jesus*. São Paulo: Paulinas, 1977, pp. 250-1.

cego de Betsaida vê “as pessoas como se fossem árvores andando” (Mc 8, 24), para depois “ver tudo nitidamente e de longe” (8, 25). A seguir, recebe de Cristo a ordem para voltar para casa e não entrar no povoado (8, 26).

A cura de Bartimeu, no entanto, é caracterizada por um diálogo que coloca, explicitamente, em relevo a fé que faz saltar e ir ter com Jesus. Após a cura efetuada num instante, Bartimeu segue o Mestre “no caminho” (Mc 10,52).

As diferenças entre essas duas curas de cegos, relatadas por Marcos, não podem ser fruto do acaso. Entre as duas narrativas, está a confissão de Pedro e a subida de Jesus e Seus discípulos a Jerusalém (Mc 8,27-30; 10, 1.17.32-34). Como progressiva foi a cura do cego de Betsaida, assim, também foi a fé dos discípulos, a qual deveria chegar ao nível da fé confiante e comprometida de Bartimeu - que é indispensável para que a gratuidade da salvação seja manifestada pela solicitude do Salvador. Marcos sabe que, no grupo assustado de discípulos, a comunidade eclesial da fé está gradualmente se formando.⁹⁷

Os dois episódios nos quais Jesus curou homens cegos (8,22-26; 10, 46-52) desempenham um papel importante no Evangelho de Marcos. Esses episódios agrupam uma seção pivotal, na qual os discípulos, depois de Jesus lhes ter revelado seu destino como o Filho do Homem sofredor, que devia morrer e ressuscitar, falharam em compreendê-Lo (8,31-32; 9,31-32; 10,35-45). Na verdade, o primeiro desses episódios (8,22-26) é agrupado à cena característica dos discípulos, que falham em compreendê-Lo (8,14-21.27-33). Claramente, a imagem da cegueira e restauração da vista tem um papel simbólico aqui, servindo como comentário à falta de percepção espiritual. Como o homem cego de Betsaida, os discípulos irão ver plenamente somente em estágios, com o evento divisório (cruz e ressurreição) ainda por vir. A confirmação da conexão é feita entre “cegueira”, “visão” e “discipulado.” Marcos retrata o cego mendigo Bartimeu, como aquele que, imediatamente depois da restauração de sua

⁹⁷ FAUX, J. M. *La foi du Nouveau Testament*. Bruxelles: Institut d'Etudes Théologiques, 1977, p. 157.

visão, torna-se um discípulo de Jesus.⁹⁸

A fé é o ponto de partida para que ocorra a cura (salvação). As palavras ditas, naquele então, a Bartimeu, devem se repetir na vida de cada discípulo de Cristo, em todos os tempos: “a tua fé te salvou.” Semelhante fé não somente salva, mas impele ao seguimento, como no caso de Bartimeu. O fato do nome dele ter sido lembrado mostra que ele tornou-se um discípulo de Jesus.⁹⁹

Quando Marcos relata que Bartimeu seguia Jesus “no caminho” (ἐν τῇ ὁδῷ), indubitavelmente refere-se ao seguimento de Jesus no caminho para Jerusalém. Mas é possível, também, que o evangelista tivesse em mente a significação profunda de ἀκολουθεῖν (Mc 1,18; 2,14; 8,34), que seria o de tornar-se discípulo, conformar-se com o exemplo de alguém, na vida ou na morte; imitar alguém.¹⁰⁰

Bartimeu deve, não só ter seguido Jesus no caminho para Jerusalém, mas durante toda a sua vida, a tal ponto de se tornar alguém conhecido na comunidade cristã de seus dias e ser mencionado por nome no Segundo Evangelho. O relato inteiro da cura deste cego deve ter atingido Marcos e aqueles que relataram a história antes dele.¹⁰¹ Bartimeu é, dessa maneira, apresentado no Evangelho de Marcos como o discípulo perfeito, aquele que chegou a ver e a caminhar.¹⁰²

6.3 - O Testemunho

6.3.1- Jesus, o Nazareno:¹⁰³

⁹⁸ CARROL, J. T. *Interpretation*, number 2, abril 1995, p. 132.

⁹⁹ CRANFIELD, C. E. B., *op. cit.*, p.346.

¹⁰⁰ TAYLOR, W. C., *op. cit.*, p. 14.

¹⁰¹ CRANFIELD, C. E. B., *op. cit.*, p.346.

¹⁰² DE LA CALLE, F. *A teologia de Marcos*. São Paulo: Paulinas, 1978, p. 109.

¹⁰³ Optou-se, neste artigo, pela variante mais familiar Ναζαρηνός, por ser a que aparece no texto grego utilizado neste artigo.

Segundo a tradução da Bíblia de Jerusalém, Bartimeu “percebeu” que era Jesus, o Nazareno, quem passava (Mc 10,47). O termo grego para “perceber”, usado por Marcos é ἀκούσας (nominativo, masculino, singular, particípio, 1º Aoristo de ἀκούω = ouvir, compreender, perceber). O mesmo verbo é, também, usado por Mateus e Lucas. Neste caso, seria melhor traduzir Mc 10,47 por: “E ouvindo que era Jesus, o Nazareno quem passava...” Mateus diz que os dois cegos (Bartimeu e seu companheiro de infortúnio) “ouviram” que Jesus passava (20,30). Lucas, por sua vez, dá maiores detalhes: o cego “ouvindo os passos da multidão que transitava, perguntou o que era. Intentaram-no de que Jesus, o Nazareu [Ναζωραῖος], estava passando” (18,36-37). A maneira como se dirige a Jesus indica que já ouvira falar dele.¹⁰⁴ Certamente, porque, em Jericó, deviam chegar notícias das muitas curas efetuadas por Jesus, inclusive a de cegos - uma vez que por Jericó passavam muitas pessoas vindo da Galiléia para a Judéia, ou fazendo o caminho inverso.

Muitos devem ter crido na missão messiânica de Jesus. A exclamação dos cegos: “Senhor, Filho de Davi...” reflete essa crença. ... A despeito da oposição das autoridades religiosas, não fenecia entre o povo a opinião de que o Messias estava em seu meio. Aqueles cegos tinham ouvido falar em Jesus e em seu grande poder de curar, e esse poder era aceito por eles como prova positiva da missão messiânica de Jesus, pelo que não percebiam razão para que ele não os curasse de sua cegueira.... É possível que [Bartimeu] tivesse participado de muitas conversas acerca de Jesus, e mesmo que tivesse nutrido a esperança de ser curado por ele...¹⁰⁵

A expressão “Jesus de Nazaré”, em suas variadas formas, ocorre 20 vezes no Novo Testamento, mas somente nos Evangelhos e nos Atos.¹⁰⁶ “Marcos menciona 81 vezes o nome pessoal de Jesus... O adjetivo ‘Nazareno’ aparece em 1,24; 10,47; 14,67 e em 16,6.”¹⁰⁷

¹⁰⁴ SCHIMID, J., *op. cit.*, p. 293.

¹⁰⁵ CHAMPLIN, R. N., Vol. I, *op. cit.*, p. 506.

¹⁰⁶ WIARDA, T. *New Testament Studies*, Vol. 40, number 2, april 1994, p. 202.

¹⁰⁷ REGAUX, B. *Témoignage de l'évangile de Marc*. Bruges: Desclée de Brouwer, 1972, p. 118.

O nome “Jesus” (Josué, em hebraico) era de uso corrente nos locais palestinos.¹⁰⁸ Era muito comum entre os judeus, já desde o período grego.¹⁰⁹ “Jesus, o Nazareno”, tem função de diferenciar Jesus, de três maneiras:

- a. Distingue Jesus de outros com o mesmo nome;
- b. Provê informação sobre Sua procedência;
- c. Adiciona uma nota de formalidade ou intensidade;¹¹⁰

Pode, ainda, indicar Sua condição social, já que Nazaré era uma pequena vila da Caldéia.¹¹¹

Pelo fato de haver se criado em Nazaré, Jesus era conhecido como “Nazareno.” Sua procedência não o recomendava muito: além de pequena, tinha má fama. Quando Filipe mencionou a Natanael que havia encontrado “aquele de quem escreveram Moisés, na Lei, e os profetas: Jesus, filho de José, de Nazaré” (Jo 1,45), Natanael prontamente perguntou: “De Nazaré pode vir algo de bom?” (Jo 1,46). Apesar disso, Bartimeu não se escandalizou com a procedência de Jesus, e, confiante, dirige-se a Ele, reconhecendo-o como o Messias prometido.

6.3.2 - Jesus, o Mestre: (Rabbouni).

Marcos emprega “Rabbi” (gr. ῥαββί) 3 vezes (9,5; 11,21 e 14,45) e uma vez “Rabbouni” (10,51). Tanto um termo quanto o outro são traduzidos por “Mestre.” Marcos reflete a tradição primitiva de colocar na boca de um

¹⁰⁸ WIARDA, T., *op. cit.*, p.202.

¹⁰⁹ DAVIS, J. D., *op. cit.*,

¹¹⁰ WIARDA, T., *op. cit.*, p. 202.

¹¹¹ BELO, F. *Lecture matérialiste de l'évangile de Marc*. Paris: Du Cerf, I 975, p. 241.

homem do povo (caso de Bartimeu), o tratamento de “Mestre”, atribuído a Jesus.¹¹²

Sobre a uma possível distinção entre “Rabbi” e “Rabbouni”, Davis¹¹³ menciona que as escolas judaicas continham três graus de honra: “Rab”- Mestre (grau inferior), “Rabbi” - Meu Mestre (grau médio) e “Rabbouni” - Meu Senhor, Meu Mestre (o grau mais elevado de todos).

Viviano,¹¹⁴ no entanto, comentando o uso de “Rabbouni”, em Mc 9,5, afirma que:

Rab = grande. Rabi (com sufixo pronominal “meu”) = Meu grande;

A diferença é apenas lingüística: no hebraico é Rabbi e no aramaico Rabbouni;

As duas formas são usadas intercambiavelmente nos Evangelhos de Marcos e de João;

Rabbi representa urna adaptação de Rabbouni - primitiva palavra aramaica;

Rabbi / Rabbouni / Ribboni têm significação equivalente a Senhor.

A hipótese de Viviano é que Rabbi é um título de majestade. A Bíblia de Jerusalém, por sua vez, diz que Rabbouni é “um tratamento mais solene e, muitas vezes usado quando se dirige a Deus” (nota sobre Mc 10,51).

Já no relato de Mateus (20,30), os cegos dirigem-se a Jesus, chamando-O de “Senhor” (gr. κύριος, termo grego que pode ser usado para um senhor humano (Jo 15,20) ou a Deus mesmo (2 Tm 4,8). No caso de Bartimeu, talvez não se possa igualar sua confissão à de Tomé, quando exclamou, ao ver as mãos e os pés traspassados: “Meu Senhor e Deus meu” - gr. ὁ κύριός μου ὁ θεός μου - (Jo 20,28), nem, talvez, ainda, à de Maria Madalena: “Rabbouni!” (Jo 20,16), pois a cura de Bartimeu é pré-

¹¹² RIGAUX, B., *op. cit.*, p. 118.

¹¹³ DAVIS, J., *op. cit.*, p. 501.

¹¹⁴ VIVIANO, B. T. “Rabbouni and Mark 9,5”, In: *Revue Biblique*, abril 1990, pp. 208-9. Paris: Gabalda.

pascal - sua concepção do Messias é judaica. Mas utiliza “Rabbouni” para expressar seu profundo respeito ante o Messias, o “Filho de Davi”, e para demonstrar sua fé no poder taumatúrgico de Jesus.¹¹⁵

6.3.3 - Jesus, o Filho de Davi:

O nome Davi ocorre somente em quatro contextos no Evangelho de Marcos:¹¹⁶ em 2,25 - em conexão com a “violação” do sábado pelos discípulos (arrancavam e comiam espigas nesse dia); em 10:17-48 - onde Bartimeu chama Jesus, por duas vezes, “Filho de Davi”; em 11,10 - na Entrada triunfal em Jerusalém (“Bendito o Reino que vem, do nosso Pai Davi”), e em 12,35-37 - onde Jesus questiona sobre como o Messias poderia ser Filho de Davi.

Com respeito à confissão de Bartimeu, poder-se-ia perguntar sobre que ligação poderia haver entre Davi e a recuperação da vista. Pode-se dizer, em resposta, que a recuperação da visão é uma importante faceta da rica imagem de Davi na literatura profética tradicional tardia.¹¹⁷

Nos oráculos de Isaías de Jerusalém sobre o reino restaurado de Davi (9,6), “o povo que andava nas trevas” veria “uma grande luz” (9,1). Em Is 29, no oráculo dirigido à cidade Jerusalém - a Cidade de Davi (cf lCr 11,5), é dito que viria o dia em que Iahweh faria com que “os olhos dos cegos, livres da escuridão e das trevas” tornariam a ver (Is 29, 18). Deus restauraria a Monarquia Davídica (Is 32,1) em Sião, quando, então, se abririam os olhos dos cegos (Is 35,5) - uma importante característica da renovação cósmica, que deveria acompanhar o cumprimento da promessa do rei Davídico.¹¹⁸ Também no chamado Dêutero-Isaías, o reinado do

¹¹⁵ SCHMID, J., *op. cit.*, p. 294.

¹¹⁶ KEE, H. C. *Community of the new age - studies in Mark's gospel*. Philadelphia: The Westminster Press, 1977, p. 125.

¹¹⁷ *Ibid.*

¹¹⁸ KEE, H. C., *op. cit.*, p.126.

Servo-Rei é caracterizado pela luz para os cegos (42,7; 42,16).¹¹⁹

No Evangelho de Marcos, este (10,47-48) é o único lugar onde alguém chama Jesus de “Filho de Davi.”¹²⁰ Marcos prefere os títulos de “Cristo” (1,1; 8,29; 9,41; 14,61; 15,32) e “Filho de Deus” (1,1.11; 3,11; 5,7; 9,7; 14,61; 15,39).¹²¹

Por que, então, Marcos teria colocado nesta parte de seu Evangelho a história da cura de Bartimeu e o título “Filho de Davi?” A resposta poderia vir da constatação de que o capítulo 10 de Marcos é transicional.¹²² A seção seguinte é preparada pelo título que Bartimeu dá a Jesus, de “Filho de Davi.” Esta seção seguinte apresentará o debate entre Jesus “Filho de Davi” e a “Cidade de Davi” - Jerusalém, que não O aceita. Este é o tema dos capítulos 11-13.¹²³

O fato de Marcos usar tão pouco o título messiânico “Filho de Davi”, é explicado tendo-se em vista que, sendo sua obra escrita dentro da comunidade cristã de Roma e para os romanos,¹²⁴ “Filho de Davi” “teria menos significado para uma audiência gentílica do que para leitores judaicos.”¹²⁵

Na tentativa de determinar como “Filho de Davi” deveria ser entendido, os eruditos tem estudado o emprego deste título e de outros semelhantes, na literatura judaica antiga. Pelo menos já se pode ter certeza de duas coisas:

1. Há evidências de que o “Filho de Davi” era uma designação do Messias (Salmos de Salomão 17; Mc 12,35) na época de Jesus;

¹¹⁹ KEE, H. C., *op. cit.*, p. 126.

¹²⁰ HURTADO, L. W., *op. cit.*, p. 187.

¹²¹ *Ibid.*

¹²² KERTELGE, K. In: SCHREINER, J. *Forma y propósito del Nuevo Testamento*. Barcelona: Herder, 1973 p. 200.

¹²³ DELORME, J. *Leitura do Evangelho segundo Marcos*. São Paulo: Paulinas, 1982, p. 111.

¹²⁴ MAZZAROLLO, I. *A Bíblia em suas mãos* 2. ed. Porto Alegre: Est Edições, 1996, p.117.

¹²⁵ LADD, G. E., *op. cit.*, p. 134.

2. Passagens do Novo Testamento vindicam ascendência davídica para Jesus e são usadas para comprovar que Jesus é o Messias (cf. Rm 1,1-4; Mt 1,1; 12,23; 2 Tm 2,8; Ap 3,7; 22,16).¹²⁶

Conquanto possa haver alguma evidência de que “Filho de Davi” pudesse representar outras coisas, como, por exemplo, poderes exorcistas e de cura, o peso maior das evidências é de que “o termo seria uma designação do Messias de Israel.”¹²⁷

Pode-se perguntar se Marcos teria aprovado o uso de “Filho de Davi”, aplicado pelo cego a Jesus. É certo que Marcos considerava Jesus como o Messias (Cristo), como mostram as seguintes passagens: 1,1; 8,29; 14,61-62. No entanto, também é certo de que, para Marcos, o termo “Messias”, em si, não comunicava de forma plena o significado verdadeiro de Jesus, principalmente se tal título fosse tomado no sentido comum judaico - de um grande e justo Líder, enviado por Deus para restaurar e governar Israel, dando-lhe preeminência espiritual e física entre as demais nações. Contudo, para Marcos, a expressão “Filho de Davi” era apropriada para aplicar-se a Jesus, apesar de sua limitação no que toca à totalidade de sua pessoa.¹²⁸

Deve-se lembrar que a confissão de Bartimeu é anterior à entrada triunfal, à cruz e à ressurreição. “Filho de Davi”, aqui, reflete ainda o ambiente judaico, não à compreensão completa quanto à messianidade de Jesus,¹²⁹ que se daria após a ressurreição, quando o título “Filho de Davi” adquiriu uma importância tal, que se inseriu nas confissões de fé, tal como a que se encontra em Rm 1,3: “...seu Filho, nascido da estirpe de Davi segundo a carne, estabelecido Filho de Deus, com poder por sua

¹²⁶ HURTADO, L. W., *op. cit.*, p. 87.

¹²⁷ *Ibid.*

¹²⁸ *Ibid.*, pp. 187-8

¹²⁹ O centurião, ao ver o modo como Jesus morreu, exclamou: “verdadeiramente este homem era filho de Deus” (Mc 15,39). Embora esse oficial romano não tivesse a possibilidade de dar à essa confissão todo o sentido que a Igreja Cristã lhe daria, “Marcos vê nela, certamente, o reconhecimento, por um pagão, da personalidade sobre-humana de Jesus.” (*Bíblia de Jerusalém*, p. 1923).

ressurreição dos mortos...”¹³⁰

À semelhança da proclamação de Pedro, em Mc 8,29, (“Tu és o Cristo”), o clamor do cego deve ser corretamente compreendido apenas à luz dos acontecimentos que se darão em Jerusalém. Os leitores de Marcos “deverão entender, à medida que vão lendo e discernindo esta passagem, que o título ‘Filho de Davi’ apenas começa a dar indícios da verdadeira glória de Jesus.”¹³¹

Ao se dirigir a Jesus, chamando-O de “Filho de Davi”, o mais conhecido entre os nomes do Messias,¹³² Bartimeu não tem, ainda, bem acrisolada sua fé, mas, a exemplo da mulher que tocou as vestes de Jesus (Mc 5,25-34), crê em Sua bondade e em Seu poder.¹³³ Em completa simplicidade e de forma franca, Bartimeu crê que Jesus é o “Filho de Davi”, o descendente ideal do rei de Israel, o rei libertador, que deveria resgatar seu povo. Faz seu pedido, cheio de expectativa e esperança. Recebe novamente a visão, e segue Jesus, cheio de gratidão.¹³⁴

É interessante, aqui, colocar em paralelo a confissão de Bartimeu e a de Pedro (relatada em Mc 8,27-30): A confissão do apóstolo Pedro deu-se de maneira privada e num lugar remoto nos caminhos dos povoados de Cesaréia de Filipe (Mc 8,27), enquanto que a de Bartimeu acontece em Jericó e perante uma grande multidão (Mc 10,46); Jesus proíbe Pedro e seus discípulos de divulgarem o fato de ser Ele o Messias (Mc 8,30), ao passo que não proíbe Bartimeu de proclamá-Lo “Filho de Davi” (o Messias), mas louva-lhe a fê (10,52).

¹³⁰ CULLMANN, O. *Cristologie du Nouveau Testament*. Neuchatel: Delachaux et Niestlé, 1968, p. 116.

¹³¹ HURTADO, L.W., *op. cit.*, p. 188.

¹³² LAGRANGE, M. J. *Évangile selon Saint Marc*. Paris: Gabalda, 1966, p. 285.

¹³³ SCHNACKENBURG, R., *op. cit.*, p. 121.

¹³⁴ MOULE, C. F. D. *op. cit.*, p. 85.

Pedro e seus condiscípulos foram advertidos de que não divulgassem o fato de que Jesus era o Messias. É o chamado “Segredo Messiânico.” As razões pelas quais Jesus não quis revelar-se ao público em geral como o Messias, podem ser as seguintes: 1) Ele sabia que o povo entretinha uma falsa idéia sobre o Messias - esperavam que aparecesse um “rei-messias”, uma figura política, um herói na luta contra Roma (ver Jo 6,15, sobre como desejavam vir e tomar Jesus à força, para fazerem dele rei); e, 2) há, também, a questão da “regulagem” do tempo apropriado, no plano divino para a manifestação de Jesus como o Messias. “Sua hora” ainda não havia chegado (cf Jo 7,30 e 13,1).¹³⁵

Se Jesus deixou que Bartimeu expressasse abertamente sua fé, é porque se aproximava a “Sua hora”, o momento de Sua Paixão. Marcos, deliberadamente, coloca a história do cego curado antes de começar a narrativa da Paixão, para contrastar um homem cego que é capaz de ver com aqueles que diziam ver, mas ainda continuavam cegos quanto à Sua pessoa (e Jo 9, 39-41).¹³⁶

Assim, tanto o cego de Betsaida (Mc 8, 22-26), quanto Bartimeu e também os discípulos, necessitavam, para ver (seja no sentido físico ou espiritual, ou nos dois sentidos) da mão taumaturga de Cristo.¹³⁷

Bartimeu, ao contrário dos discípulos que haviam convivido com Jesus, por cerca de três anos, e O tinham visto realizar tantos milagres, mesmo não dispondo de muitas evidências quanto à messianidade de Jesus, crê e confessa. Nesse sentido torna-se em modelo de quantos haveriam de crer em Jesus e confessá-Lo. Tal atitude contrasta fortemente com a incredulidade de Tomé, ao exigir evidências para crer (cf. Jo 19,24-29).

¹³⁵ CHAMPLIN, R. N., *O Novo Testamento interpretado*, Vol. II. São Paulo: Candeia, 1995, p. 93.

¹³⁶ NEIL, S. *Jesus through many eyes*. Philadelphia: Fortress Press, 1978, pp. 83-4.

¹³⁷ DE LA CALLE, F., *op. cit.*, pp. 109-10.

Pedro e os seus condiscípulos não se constituem no melhor modelo a seguir. O caminho deles após o Mestre estava tecido de entrega e incompreensão, seguimento e abandono. O discípulo-modelo, no Evangelho de Marcos, é Bartimeu, o cego que chegou a ver e a caminhar. “Como resumo magistral das exigências de Jesus, o evangelista colocou a história da sua cura, como arremate da seção ‘do caminho’, já às portas de Jerusalém (10, 46-52).”¹³⁸

6.4- O Seguimento - a mudança que se processa:

No instante em que recupera a vista, Bartimeu segue Jesus “no caminho” para a cruz - um tema do discipulado.¹³⁹ “Jesus passou por entre os homens com uma finalidade precisa: possibilitar-lhes o seguimento.”¹⁴⁰ E entre os Seus seguidores está Bartimeu, o qual, desde o início, responde com rapidez e sem vacilação ao chamado de Jesus: deixa tudo o que tem - sua capa de mendigo - e, de um salto, vai ter com Jesus.

Ao perguntar Jesus: “Que queres que eu te faça?” (Mc 10,51) - a mesma pergunta feita a Tiago e a João (Mc 10,36) - o cego não pede posições no Reino, como fizeram os dois discípulos, mas pede para ver. Ao receber a cura, não pode fazer menos que os discípulos: segui-Lo no caminho.”¹⁴¹

Bartimeu, o cego que viu a Jesus e o seguiu sem dúvidas, é o protótipo do seguidor perfeito, que, sem nunca ter visto a Jesus, ouve dizer que Ele passa por perto, é chamado pelos outros seguidores, encontra-se pessoalmente com Cristo e termina unindo-se à comitiva que sobe à Jerusalém.¹⁴²

¹³⁸ DE LA CALLE, F. *op. cit.*, p. 109.

¹³⁹ TELFORD, W. R. ed. *The interpretation of Mark*. 2. ed. Edinburgh: T & T Clark, 1995, p.184.

¹⁴⁰ DE LA CALLE, F., *op. cit.*, p. 108.

¹⁴¹ DE LA CALLE, F., *op. cit.*, p. 110.

¹⁴² *Ibid.*

6.4.1 - Fé e Seguimento:

Bartimeu torna-se, também, modelo quanto à fé que leva ao seguimento. Jesus revela-se àqueles que estão dispostos a acompanhá-lo, cura-lhes a cegueira, desperta-lhes a fé que possibilita segui-Lo. Bartimeu começou vendo pela fé, e por ela segue Jesus no caminho do Calvário. Para seguir Jesus é preciso que se abraça o paradoxo da cruz:¹⁴³ Quem perder a sua vida, acha-la-á, e quem a preserva, perdê-la-á (Mc 8,34-37).

Bartimeu não parou para pensar no que teria a ganhar se seguisse Jesus, como fizeram os discípulos, certa ocasião (cf. Mt 19,27; Mc 10,28). Seguiu pela fé, crendo na bondade e no poder de Jesus. Para ele, o maior ganho seria estar com o Mestre, mesmo que isso importasse em sofrimento, pois não existe discipulado “seguro”, sem perigos (cf. Jo 16,33). Seguir Jesus “envolve o risco de se perder a própria vida, em oposição à segurança desfrutada por quem preserva sua vida.”¹⁴⁴

O seguimento de Jesus implica em seguir-Lhe o exemplo de renúncia: Ele sofre e dá a vida. Assim, a experiência do seguimento, por vezes com dor, leva o discípulo a compreender Jesus em seu verdadeiro significado.¹⁴⁵

Tal seguimento só pode dar-se pela fé, que é sempre uma posse antecipada do que se espera, um meio de demonstrar as realidades que se não vêem (Hb 11,1). Pela fé os antigos deram o seu testemunho (Hb 11,2), como também o fez Bartimeu - não só naquela viagem de subida à Jerusalém, mas, provavelmente, enquanto viveu. Seu exemplo de fé confiante e seguimento resoluto “ainda fala” (Hb 11,4), mesmo tendo-se passado tantos séculos.

6.4.2 - Ver e seguir no contexto da Descoberta e do Seguimento:

Marcos menciona que Bartimeu “recuperou a vista e seguia-o no

¹⁴³ SLOYAN, G. S. *Evangelho de Marcos*. São Paulo: Paulinas, 1975, pp. 74-5.

¹⁴⁴ GUNDRY, R. H., *op. cit.*, p. 195.

¹⁴⁵ KERTELGE, K., *op. cit.*, p.201.

caminho” (10,52). Para que se consiga perceber toda a profundidade teológica desta afirmação, deve-se atentar para o fato de Marcos, nas perícopes anteriores a da cura do cego de Jericó, falar da necessidade de “ver”¹⁴⁶ para seguir.¹⁴⁷

Em Mc 8,18, Jesus reprova a inabilidade dos discípulos para ver:¹⁴⁸ “Tendes olhos e não vedes...” Mesmo Pedro, não entendeu o primeiro anúncio da Paixão. Não podia ver o que ele e seus companheiros ganhariam com a morte de Cristo (Mc 8, 31-32). O apóstolo, bem como os demais discípulos, ainda não pensava “nas coisas de Deus, mas nas dos homens” (Mc 8,33). Deveria “ver” que negar-se a si mesmo e tomar a cruz, são as condições para o verdadeiro seguimento de Jesus (Mc 8,34).

Em Mc 9,33-36, há o relato da falta de visão quanto ao Reino de Deus, por parte dos discípulos. Discutiam no caminho sobre “quem seria o maior.” O moço rico (Mc 10,17-22) também não pode ver em Jesus e em Seu Reino algo valioso o bastante para desfazer-se de seus “muitos bens”, e não foi capaz de segui-Lo. Logo antes da cura de Bartimeu, está o relato do pedido de Tiago e João: queriam ocupar as maiores posições no Reino (que pensavam ser deste mundo - Mc 10,35-45). Estavam cegos para o fato de que, no Reino de Cristo, a verdadeira grandeza consiste em servir (10,42-43). Grande é quem mais serve - à semelhança do Mestre, que “veio para servir e dar a sua vida em resgate por muitos” (Mc 10,45).

Bartimeu é apresentado, por Marcos, como o modelo do discípulo que não pode seguir a Jesus por si próprio, antes de ser curado (salvo), tal como não podiam fazê-lo Pedro e os seus condiscípulos. Antes de “seguir”, precisavam “ver.” “Mas Jesus cura e ilumina seus discípulos, os quais se tornam capazes de seguido.”¹⁴⁹

¹⁴⁶ Em grego, βλέπω = “discernir, perceber, compreender, considerar, contemplar, examinar.” (TAYLOR, W. C., *op. cit.*, p. 45).

¹⁴⁷ Em grego, ἀκολουθέω = “seguir, acompanhar, tornar-se discípulo, conformar-se como o exemplo de alguém, na vida ou na morte, imitar.” (*Ibid.*, p. 14).

¹⁴⁸ TELFORD, W. R., *op. cit.*, p. 184.

¹⁴⁹ DELORME, *op. cit.*, p. 111.

7. Linhas Hermenêuticas do Texto.

7.1 - Perspectivas Cristológicas:

Quem é Jesus? O propósito de Marcos, ao relatar a cura de Bartimeu é indicar que Jesus de Nazaré, o “Filho de Davi”, não é meramente um descendente deste rei, mas o Senhor de Davi (Mc 12,35-37), e, de fato, o Filho de Deus.¹⁵⁰

Nas outras confissões anteriores sobre Sua messianidade (a do apóstolo Pedro - Mc 8,27-30; a declaração dos demônios sobre a Sua pessoa - Mc 1,24-25.34) Jesus impôs sobre Sua identidade, uma recomendação de silêncio - podia ser confundido com um messias nacionalista e guerreiro. Agora, porém, no caminho que o leva à cruz,¹⁵¹ não repreende o cego, nem lhe impõe silêncio, “mas dá-lhe as boas vindas e o cura com um elogio.”¹⁵²

O “segredo inessiânico” (a não revelação sobre a verdadeira identidade de Jesus, até momento oportuno) estava prestes a ser suspenso. O que fora dito “às escuras”, deveria, após a Paixão e morte, ser dito “à luz do dia”; o que fora “dito aos ouvidos”, deveria, então, ser proclamado “dos eirados” (Mt 10,27).

A declaração de fé do cego Bartimeu é como que uma antecipação (não totalmente aprofundada ainda, é verdade) do que fará a Igreja, após a ressurreição de Jesus: Ele não é meramente o Nazareno, nem somente o Mestre, nem ainda o messias nacionalista e guerreiro que muitos esperavam, mas é o Salvador, o Enviado do Pai (Jo 3,16).

Certamente, o objetivo de Marcos, ao escrever seu Evangelho, era que, com os olhos iluminados pela fé (tal qual Bartimeu), seus leitores pudessem ver no carpinteiro de Nazaré, o Filho de Deus - o qual, além

¹⁵⁰ HENDRIKSEN, W. *The gospel of Mark*. Edinburg: Banner, 1975, p.425.

¹⁵¹ CABA, J. *El Jesús de los Evangelios*. Madri: La Editorial Católica. 1978, p. 33.

¹⁵² HURTADO, L. W. *Marcos*. Florida: Editora Vida, 1995, p. 188.

de poder curar cegos físicos, pode também iluminar as pessoas que estão cegas quanto às coisas espirituais, tirando da prisão do pecado o cativo e iluminando a caminho dos que jazem nas trevas do erro (cf. Is 42,7).¹⁵³

O salto de fé do cego Bartimeu deve, também hoje, repetir-se na vida de cada pessoa: todos são desafiados a olhar com fé a Jesus de Nazaré, e ver nele o “Emanuel, Deus conosco” (Mt. 1, 23), que pode trazer iluminação divina a todo o ser humano, dando-lhe sentido para a vida e forças para o seguimento.

7.2 - Perspectivas Soteriológicas:

Marcos escreveu para os cristãos gentios, e, particularmente, para romanos, por isso apresenta Cristo com o poder para salvar - poder este, confirmado por Seus milagres. No entanto, o poder salvador de Jesus só era manifestado na vida dos que, à semelhança de Bartimeu, exerciam fé nEle. Para o recebimento de uma bênção física era necessária uma resposta espiritual.¹⁵⁴ Jesus afirmou ao pai do epilético endemoninhado que “tudo é possível ao que crê” (Mc 9.23). Por isso é que, em sua visita a Nazaré, “não fez ali muitos milagres, por causa da incredulidade deles” (Mt 13,58).

As narrativas dos milagres freqüentemente contêm referências à fé da pessoa doente, ou das pessoas que a cercavam (Mc 2,5; 5,34.36; 10,52; Mt 8,10). O que se tem em mente é a confiança na missão de Jesus e no Seu poder para livrar das aflições. Estes atos salvíficos se levam a efeito no serviço da Sua comissão, e visam confirmar uma fé existente. A questão da fé claramente se vincula com estas histórias de milagres. Jesus não somente procurava libertar as pessoas de aflições físicas, como também transformar homens em testemunhas da Sua obra salvífica. Não se trata de se fazer uma decisão, mediante a qual Ele agirá. Pelo contrário, Ele se ocupa com o alvo que está além do processo físico. Sua intenção não era

¹⁵³ RICHARDSON, A. *Introdução à teologia do Novo Testamento*. São Paulo: ASTE, 1966, p. 99.

¹⁵⁴ LADD, G. E. *Teologia do Novo Testamento*. 2. ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1985, p. 73.

meramente ser um “curador”, mas, sim, um Ajudador, em nome de Deus. Estava, portanto, mais interessado em pedir fé do que exigí-la. A confiança do homem representa a possibilidade de Deus fazer a Sua obra.

Jesus disse a Bartimeu: “Vai, a tua fé te salvou” (Mc 10,52). (Quanto à mesma expressão, ver Lc 7,50; 8,48 e 17,19). No Novo Testamento, a fé pode ser “objetiva” (quando aponta para o credo, aquilo em que se crê, ou mesmo o cristianismo em contraste com as fés ou falsas religiões), e “subjativa” (confiança da alma em Cristo).¹⁵⁵

A fé manifestada por Bartimeu é do tipo “subjativa” – “outorga da alma a Cristo, em total dependência a ele, para fazer o que é mister para a própria salvação e para a vida diária.”¹⁵⁶ Tal fé “é um sentimento de confiança e de abandono, pelo qual o homem desiste de contar com os seus próprios pensamentos e com suas forças, para se entregar à palavra e ao poder daquele em quem crê.”¹⁵⁷ Tal como no passado, Jesus requer de Seus seguidores esse mesmo tipo de fé, da qual Bartimeu tornou-se modelo.

7.3 - Perspectivas Eclesiológicas e Antropológicas:

A Igreja perante os desvalidos e marginalizados: Cegos, à semelhança de Bartimeu, “são os representantes da humana necessidade e desesperança.”¹⁵⁸ Bartimeu representa o ser humano, com suas carências e angústias. Representa especialmente o pobre, os desvalidos, os miseráveis, os marginalizados pela sociedade. Os gritos do cego representam a tentativa de encontrar uma solução para a situação de penúria na qual se encontram. Cabe, então, a cada um ir ao encontro do outro, especialmente dos mais necessitados, procurando minorar-lhes os problemas físicos e espirituais.

¹⁵⁵ CHAMPLIN, R. N. *O Novo Testamento interpretado, Vol. II*. São Paulo: Candeias. 1995, p. 181.

¹⁵⁶ *Ibid.*

¹⁵⁷ *A BÍBLIA DE JERUSALÉM, op. cit.*, p. 1852.

¹⁵⁸ SCHNACKENBURG, R. *O Evangelho segundo Marcos*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1985, p. 120.

Assim o fazia Cristo,¹⁵⁹ e o mesmo se espera de Seus seguidores. Agir com indiferença para com o sofredor é imitar os indiferentes dentre a multidão, que repreenderam o cego e mandaram que ele se calasse (Mc 10,48).

Quando os cristãos procuram ministrar aos pobres (não que estes tenham mais méritos, mas porque são os mais necessitados)¹⁶⁰ imitam a vida e obra dAquele que andou entre os homens “fazendo o bem” (At 10,38).

Além de procurar minorar o sofrimento dos cegos físicos, cabe a cada membro do corpo de Cristo levar luz aos que estão cegos pela falta de conscientização, cegos pela intimidação ou acomodação, cegos para a possibilidade de uma condição de vida digna de um ser criado à imagem de Deus.

A Igreja também tem que desempenhar sua missão junto aos cegos quanto à justiça social, junto aos que detêm o poder e agem com indiferença quanto ao bem que podem e devem realizara todos, mas, especialmente, aos mais fracos e desassistidos. E, por fim, cada cristão, qual “luz do mundo” (Mt 5,14), deve procurar levar a luz das boas novas aos que estão cegos para a salvação que há em Cristo e para as realidades eternas, uma vez que vive-se, hoje, quase que somente para as coisas terrenas e temporais (cf. 2 Cor 4,4).

7.4 - Dimensão profética do texto:

Crença, Testemunho e Seguimento: Bartimeu representa a comunidade dos que crêem em Jesus, tornando-se num “exemplo dum

¹⁵⁹ DIBELIUS, M. afirma que toda a ênfase do relato da cura de Bartimeu está na compaixão de Jesus, que chama o cego e o cura. (DIBELIUS, M. *From tradition to gospel*. London: Redwood Press Limited, 1971, p. 52). HURTADO, por sua vez, diz que este relato “demonstra o poder misericordioso de Jesus” e que “os leitores, sem dúvida deverão ver sua própria iluminação e salvação prefiguradas na cura desse homem.” (HURTADO, L. W., *op. cit.*, p. 189).

¹⁶⁰ CF 96- *Fraternidade Política - Justiça e Paz se abraçarão*. CNBB, SãoPaulo: e Editora Salesiana Dom Bosco, 1996, p. 58.

confessor impertérrito, e num discípulo que segue a Jesus em seu caminho da Cruz.”¹⁶¹ Representa os que, a despeito da pobreza, das aflições, da repreensão dos indiferentes, seguem o Mestre, mesmo que esse seguimento importe em sofrimento e até mesmo em morte. A prontidão de Bartimeu em seguir Jesus, demonstra o tipo de confiança que cada discípulo deve ter no Salvador.

A comunidade é chamada a seguir Jesus como fez Bartimeu: ao desfazer-se de sua capa de mendigo, deu o exemplo, mostrando que no seguimento de Jesus, deve-se desfazer-se de tudo aquilo que possa atrapalhar a caminhada: descrença, indiferença e descompromisso. Deve, de maneira audaz, seguir Jesus, testemunhando dEle em palavras e ações, como fez o cego curado.

Deste texto da cura de Bartimeu, ficam bem atualizados, para as comunidades de hoje, os seguintes elementos:

1.O interesse divino na salvação e no bem-estar de cada pessoa, não importando a que classe social pertença;

2. A importância da fé que leva ao reconhecimento e ao testemunho de Jesus de Nazaré como o ‘Filho de Davi’, o Filho de Deus, o Messias Salvador, que o Pai enviou para a cura (salvação) do ser humano. Fé que pode salvar, dar novo alento, enobrecer a vida, fortalecer nas adversidades a todo aquele que, sentindo-se necessitado, vai a Jesus em busca de ajuda;

3. O interesse e cuidado que a comunidade seguidora de Jesus deve ter para com os necessitados e sofredores, físicos ou espirituais.

No seguimento de Jesus, a comunidade é solicitada a estar aberta às necessidades do outro, especialmente dos que têm condições ínfimas de vida, como era o caso do cego Bartimeu.

Cada membro da comunidade deve engajar-se, efetivamente, na luta por acabar com tudo o que impede o ser humano “de viver uma vida

¹⁶¹ SCHNACKENBURG, R., *op. cit.*, p. 121.

humana digna, participativa e comunicativa”,¹⁶² rompendo com a “cultura da indiferença”,¹⁶³ representada pelos que repreenderam o cego e procuraram abafar-lhe o grito por ajuda.

Deve, também, a comunidade perceber e valorizar a pessoa humana, tendo como modelo o trato de Jesus para com o cego Bartimeu - alguém que era excluído da sociedade, por ser visto como pecador e estando sob os juízos de Deus.

Todos na comunidade devem ser levados a reconhecer o poder de Jesus para salvar os que, sentindo sua necessidade, vão a Ele em busca de auxílio, sabendo que Seu convite, ainda hoje, continua sendo: “Vinde a mim todos os que estais cansados sob o peso do vosso fardo, e eu vos darei descanso” (Mt 11,28). Devem, ainda atentar para a misericórdia de Deus para com o ser humano, alegrando-se ante as maravilhas de Deus.¹⁶⁴

A comunidade seguidora de Cristo deve, finalmente, estar pronta a seguir Jesus da mesma forma resoluta e destemida, como o fez Bartimeu, sem temer os riscos desse seguimento.

Conclusão

O estudo do relato da cura de Bartimeu permite que se perceba: 1) Bartimeu como representante daqueles que estão em miseráveis condições e que pouca ou nenhuma chance têm de sair dessas situações - a não ser que sejam alcançados por Cristo, representado, hoje, pelos Seus seguidores; 2) Bartimeu como exemplo daqueles que exercem fé salvífica em Jesus, fé que leva à ação do seguimento; 3) Bartimeu como discípulo de coragem, que não mede esforços nem sacrifícios para seguir o Filho de Davi - mesmo

¹⁶² GORGULHO, M. L. “Exegese de Lucas 13,10-17”. In: *Apostila* fornecida na Disciplina: *Introdução à Hermenêutica do Novo Testamento*. Rio de Janeiro: PUC, 1996, P. 21.

¹⁶³ CNBB - CF 96. *Fraternidade e Política: Justiça e Paz se abraçarão*. São Paulo: Editora Salesiana Dom Rosco, 1996, p. 20.

¹⁶⁴ GORGULHO, M. L. *op. cit.*, p. 21.

que esse seguimento leve à Cruz; 4) Jesus como o compassivo Salvador, o Messias de Deus, que, prontamente, se detém para atender um grito por ajuda.

A história da cura de Bartimeu tem sido de grande proveito para a vida das comunidades seguidoras de Cristo, em todos os tempos. Mostra como o interesse de Cristo para com os pobres e sofredores, bem como Sua solicitude em procurar minorar o sofrimento, podem servir de modelo para o seguimento de Jesus, onde cada um deve interessar-se pelo bem-estar do outro.

O exemplo negativo de muitos da multidão, ao repreenderem o cego e tentarem frustrar-lhe a realização de suas aspirações, deve levar cada membro da comunidade a refletir sobre qual tem sido sua prática em relação aos “pequeninos irmãos” de Cristo (cf. Mt 10,42; 25,34-40).

O exemplo de Bartimeu, ao reconhecer em Jesus de Nazaré o Messias enviado por Deus, ao exercer fé em Seu poder salvador, ao confessá-lo perante a multidão e ao segui-Lo no caminho da Cruz, constitui-se num paradigma para as comunidades de todos os tempos, onde todos devem fazer o mesmo: Seguir Jesus sem temer as conseqüências que envolvem esse seguimento, sem se importar com os riscos da caminhada.

A persistência em se buscar a cura (salvação) - a despeito das repreensões recebidas -, **a fé** que possibilitou reconhecer no carpinteiro de Nazaré o “Filho de Davi”, o Messias enviado por Deus - apesar de não conhecê-Lo pessoalmente nem ter tido o privilégio de vê-Lo em ação (como os discípulos, por cerca de 3 anos), **seu testemunho** de que Jesus é o “Filho de Davi”, o Messias (foi assim que se dirigiu a Ele), sua confiança no poder de Jesus para ajudá-lo a sair de seu estado deplorável, e, finalmente **seu ato de seguir Jesus** estrada fora, **fazem de Bartimeu o discípulo-modelo.**

O exemplo de Crença, Testemunho e Seguimento de Jesus, deixado pelo cego de Jericó, que, certamente, inspirou os cristãos da comunidade de Marcos, continua sendo motivo de inspiração aos atuais discípulos de Cristo: o mesmo Mestre que salvou Bartimeu e possibilitou-lhe o seguimento,

pode e quer fazer o mesmo por todos quantos anseiam salvação, pois Ele “é o mesmo ontem e hoje; ele o será para a eternidade” Hb 13,8).